

Publica-se nos dias
1 e 15 de cada mês

Assinaturas

Continente e Ilhas 2400
Ultramar 2900 e 6000
Estrangeiro 4000 e 9000
(Séries de 24 números)
Pagamento adiantado

NOTA:

Consideramos assinante quem ao receber o 3.º exemplar enviado, o não devolver, gentila que muito nos desvanece.

A REGENERAÇÃO

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João Antonio Semedo

AVENÇA

Propriedade de: **Dr. Alberto Teixeira Forte**

Composto e impresso na *Tipografia Figueiroense*

Director e Editor

Dr. Alberto Teixeira Forte

Redacção e Administração — Rua Major Neutel de Abreu

Figueiró dos Vinhos

Defesa da Economia Nacional

Foi publicado um importante Decreto-Lei com o fim de reprimir a exportação de capitais que ilicitamente, são canalizados para o estrangeiro por organizações que actuam em vários países.

Com este diploma estabelecem-se pesadas sanções a quem, singular ou colectivamente, promover a exportação de capitais sem que esta esteja devidamente autorizada, nos termos legais.

Assim, quando qualquer in-tractor for encontrado em flagrante delito ou promova a exportação de capitais de terceiros, será preso e depois julgado e condenado, sempre a pena de prisão que não pode ser substituída por multa. Os valores serão apreendidos e, em julgamento, serão estabelecidas as multas correspondentes.

A publicação deste Decreto-Lei é da maior oportunidade, visto que na execução dos Planos de Fomento que se vêm realizando e que tão decisivamente têm contribuído para a valorização económica e social do País, se tem previsto, em parte, o recurso ao crédito externo que poderia ser evitado, se os capitais portugueses fossem para eles devidamente canalizados.

Portanto, esta fuga de capitais para o estrangeiro lesa o nosso desenvolvimento económico porque obriga Portugal a ser mais moderado nas realizações programadas e mais onerado em face dos recursos que procura além-fronteiras.

Numa publicação internacional lê-se que nos Bancos dos E. U. A. os fundos depositados pertencentes a portugueses residentes em Portugal se elevaram de 99 milhões de dólares, em 1961, para 322 milhões, em 1966!

E, no entanto, é de admitir que parte desses dólares fossem incluídos no empréstimo que Portugal efectuou nesse país.

Outro aspecto da defesa

económica nacional relaciona-se com os nossos emigrantes que, hoje, como se sabe, se deslocam para diferentes países da Europa e da América em grande número.

Será lógico que esta emigração da mão-de-obra portuguesa seja compensada com a entrada de divisas que representam o lucro do trabalho desses emigrantes. Mas nem sempre esta compensação se verifica ou porque organismos estrangeiros canalizam noutro rumo essas divisas com promessas de maiores lucros ou porque o próprio emigrante deposita nos Bancos do país onde trabalha o capital que vai acumulando.

J. Estevão Pinto

António da Silva Abreu

Está de parabéns este nosso prezado assinante na Venda Nova (Amadora), por motivo do nascimento dum netinho, na Alemanha.

Com as nossas felicitações, endereçamos-lhe votos das maiores venturas para o neófito.

BAPTIZADO

Na Basilica de Fátima, foi celebrado, no passado dia 8 de Dezembro, o baptizado da gentil menina Sofia Isabel, filhinha do nosso querido amigo, sr. Dr. Jorge Godinho Ferreira, distinto médico-oftalmologista em Lisboa.

Foram padrinhos a Ex.ªm.ª Maria da Conceição Godinho Abreu Nunes e o sr. José Abreu Nunes.

As cerimónias foram presididas pelo Rev.º P.º José da Costa Saraiva, ex-arcipreste de Figueiró dos Vinhos e actualmente ao Serviço das Forças Armadas, como Capelão Militar.

Após as cerimónias religiosas, foi oferecido a numerosos convidados um finíssimo «copo de água», num restaurante local.

A pequenina Sofia Isabel desejamos um porvir radioso e repleto de benções do Senhor.

**Este jornal foi visto por
a Comissão de Censura**

Pais Culpados

Os pais, o meio social e a nova maneira de ser dos jovens são aos culpados mais reconhecidos da falta de compostura e de sentido humano que os jovens muitas vezes revelam.

Destes três culpados, temos de escolher o maior, se não, no fim de contas, o único verdadeiro: os pais. É que o meio social do jovem é formado em grande parte pelos adultos. E, quanto a «maneira de ser», ela é bem igual à do jovem das anteriores gerações. A juventude é sempre igual na generosidade, na irrequietude, na ânsia de liberdade para expansão dessa mesma irrequietude.

Disse Paulo VI que a juventude não tem ainda capacidade para determinar o seu caminho. E que tem excesso de liberdade. Os educadores dizem o mesmo e o mesmo dizem também aqueles que dedicam a sua vida a investigar os problemas inerentes aos desfasamentos existentes na vida moral do jovem.

Se isto está reconhecido, por que não entrar a fundo numa esquema de reabilitação que leve o jovem ao seu lugar digno em face do futuro? Por que não se empregam todos os meios possíveis, e em todos os aspectos, conducentes a uma mentalização que conduza o jovem a uma moral asseada, à compreensão e aceitação de normas válidas capazes dum «redressment» salvador das ricas virtualidades que o jovem sempre encerra em si?

Sabemos que para isso há que resolver o problema dos pais, o problema das famílias. Os pais abandonam muito o lar, esse lar que foi a nossa mais bela e formativa escola, onde a austeridade e o amor andavam de mãos dadas. A vida de incitamentos hedónicos que hoje se procura e faz, em todos os níveis sociais, provoca carências educativas nos lares e relega para o confuso e dissolvente meio social (este, sem selecção) o jovem imaturo, inapto para aproveitar desse meio o que pode convir à sua normal condição de homem.

Os pais têm deveres perante os filhos. O pai tem o dever de ser educador, pois que o ser pai impõe responsabilidades. Compreendem-nas? Estarão eles aptos a sacrificios? A porem de parte certas ocupações fúteis, só com o fim de mais se dedicarem aos filhos, como bons camaradas, orientadores do seu espírito, no sentido de formarem consciências bem calibradas e inculpirem nestas os conhecimentos morais que elevam e dignificam o ser humano, distanciando-o da ani-



Os princípios da moral e da religião cristãs «são realidades da ordem do espírito...—são valores de sempre!...»—diziamos. A Igreja não os posterga e nem deles se arreda. Que assim é bem se infere, por exemplo, de certa passagem de uma das formosas e recentes *homílias* de um dos seus príncipes, o Arcebispo de Mitilene, e que transcrevemos aqui:

«Temos de aceitar valores absolutos que são a base necessária do comportamento moral do homem e da sua plenitude humana: a justiça, a verdade, a honestidade, o amor.

São eles imperativos inquestionáveis que temos de servir»...

Há meses, no Verão, passámos uns dias em Campelo. Não iam ali desde há bastante tempo; e gostámos de estar lá então esses poucos dias. Nessa altura, pudemos verificar, e sentir, que se está processando, lentamente e em passividade, ali, alguma mudança que não é nem bem nem progresso: sem se dar conta, os bons e salutareos costumes nalguma coisa vão sendo relegados e esquecidos, sendo, nos parece, uma das causas próximas desse facto, além de outras, a circunstância de desde há certo tempo não haver assistência religiosa permanente. Julgamos, até por isso, caber perfeitamente aqui a afirmação de que o padre, o sacerdote verdadeiramente integrado na sua alta missão, é em qualquer parte—até pela sua for-

malidade, do desenfreado desejo de prazeres, de descontrolados anseios de liberdades?

Evidentemente que os pais são os maiores culpados. Em última análise, quase se pode dizer que são os únicos culpados. Indigência de poder de autoridade educativa, eis tudo. E isto acontece, como se sabe, em todas as partes do mundo...

«Educação Nacional»

mação e cultura—, um elemento de escol, cuja presença é necessária em todo o meio social e que as populações cada vez devem ter mais em consideração e estimar.

Sobretudo no meio rural, o padre é o mais imediato amigo e directo conselheiro e guia moral e espiritual do povo. Para que possa, porém, ser inteiramente zeloso da sua missão, importa, contudo, que também a comunidade paroquial dos fiéis lhe assegure meios materiais de sustentação e habitação condignos.

Sem esses meios materiais assegurados, é bem de ver que só muito difícil e penosamente o sacerdote poderá dar-se todo ao seu múnus ou apostolado.

Pode quase dizer-se que o problema pertinente à sustentação do culto católico não existiu para os fiéis, em Portugal, até 1910. A sustentação do Culto católico vinha pois sendo assegurado pelo Estado, pelas autarquias locais, e por estabelecimentos públicos, através de dotações ou verbas de despesa para esse efeito inscritas nos orçamentos financeiros dessas entidades.

Entendeu-se até essa época que a existência do Culto católico era também uma necessidade de interesse colectivo ou geral e que, por virtude dessa sua característica ou natureza especial, competia às referidas entidades assegurar o Culto religioso, prevenindo materialmente à sua sustentação.

Em face do conceito ou ideia que a tal respeito até então perdurou, sem dificuldade se compreende e por conseguinte aceita que, desde os primórdios da nacionalidade, a religião da Igreja Católica Apostólica Romana tenha sido sempre a religião tradicional e oficial da Nação portuguesa.

A partir de 1910, a concepção
Continuação na 4.ª página

Stand de Automóveis e Camions

em
FIGUEIRÓ DOS VINHOS
de

Barreiros (Irmãos), L.da

Vendedores autorizados dos carros VOLKSWAGEN e camiões BARREIROS e DODGE, bem como da famosa marca de Scooters VESPA

Automóveis usados de todas as marcas com garantia

Oficina de reparações em automóveis

Compra, venda e troca de automoveis

Automóveis de Aluguer

Telefone 184

Apartado 12

Fernando A. G. Branco

MÉDICO
Clinica Geral

Telefones } Consultório—54
 } Residência

Figueiró dos Vinhos

Tipografia Figueiroense

Trabalhos Tipográficos em
todos os géneros

Confiar os seus serviços a esta casa é ter a certeza de ser bem servido e aos melhores preços

Rapidez — Perfeição — Seriedade

SÃO TIMBRE DA

TIPOGRAFIA FIGUEIROENSE

Rua Major Neutel de Abreu

FIGUEIRO DOS VINHOS

TELEFONE 15

Ourivesaria Lourenço

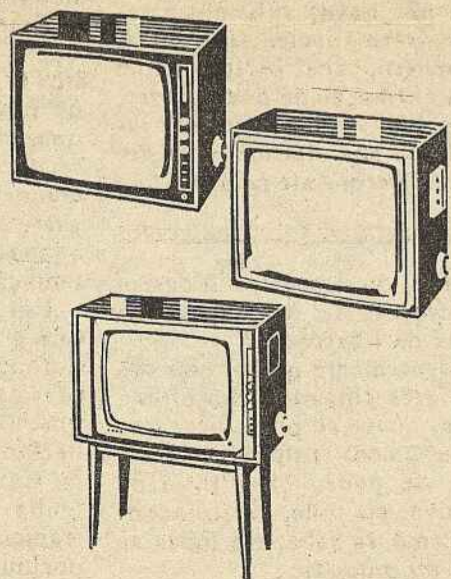
Encarrega - se

de todos os

consertos

em Rádio e

Televisão



Telef. 105

Figueiró dos Vinhos

Não se engane a si mesmo

É sabido que existem duas causas de acidentes no trabalho; condições mecânicas inseguras e comportamento individual. Milhares de pessoas ficaram lesionadas devido a uma condição mecânica insegura, mas a maioria dos acidentes ocorre como resultado duma combinação dos dois factores.

A pior das combinações que se possa imaginar é aquela situação em que o trabalhador originou, pela sua própria vontade, a condição insegura. Referimo-nos aqui ao acidente que acontece porque alguém decidiu que não precisava dum dispositivo de segurança. Muitos se lesionaram ao tirar um resguardo duma máquina ou ao evitar a utilização dum dispositivo de segurança.

Normalmente isto acontece quando um trabalhador pensa que pode fazer o trabalho com maior rapidez descurando a segurança.

Quando uma máquina está equipada com algum resguardo de qualquer tipo, espera-se que este seja usado. Alguns pensam que isto é para benefício da empresa, mas não é assim. Esse resguardo está ali para proteger o trabalhador. Ele é quem vai sentir a dor ao lesionar-se e quem vai sofrer os demais problemas que resultam da lesão.

Vejamos um caso que nos indica o perigo de não ligar importância aos dispositivos de segurança:

Um trabalhador duma fábrica de produtos de metal estava manejando correctamente uma prensa, quando de repente foi

atingido no braço direito por um objecto que lhe provocou uma fractura. Isto afastou-o do trabalho mais de dois meses. Neste caso não foi o sinistrado que procedeu mal, mas outros dois colegas que estavam a reparar uma máquina próxima. Tivaram um passador, de perto de 2,5 cms. de diâmetro e 15 cms. de comprimento, que pesava cerca de um quilo. Um dos mecânicos bateu o passador com tal força com um martelo de 6 quilos, que aquele safu disparado com uma força tremenda, avançou dez metros e partiu o braço ao outro trabalhador. Nesta oficina existiam uns bombos que a companhia tinha fornecido para proteger a máquina que estivesse a ser arranjada. Um destes bombos estava perto, mas nenhum dos mecânicos esteve para maçar-se em ir buscá-lo.

Neste caso que acabamos de mencionar, passou-se completamente por cima da segurança e deixaram-se de lado os dispositivos destinados a proteger braços e mãos, e até v. das.

Nem sempre é o próprio trabalhador que despreza o dispositivo de segurança que fica lesionado. É como se estivesse a colocar uma armadilha e a vítima fosse um inocente.

Ao abordarmos este tema o nosso objectivo não é o de fazer com que cada trabalhador se transforme num polícia para vigiar os restantes, mas o de recordar-lhes que cada um deve proceder de forma a não evitar os dispositivos de segurança visto que, desta maneira, se engana a si próprio.

Aníbal Pereira Gregório

com

Automóvel de Aluguer

Recebe serviços, a qualquer hora, para qualquer ponto do País

Telefone 782 (p. t) Campelo—Fontão Fundeiro

== 1967 ==

*Uma criança vi nascer.
Muito forte há-de crescer,
Há-de trazer-nos alegria
Fazer-nos boa companhia.
Mais uma Estrela brilhou
Um novo ano veio, começou.*

*E como vem feliz e risonho
Para cada alma traz seu sonho
Traz Sol, traz Luar, muita Luz
E também a acompanhá-lo, Jesus,
Traz Esperança, Calor, Calor
Paz, Paz, muito Amor, Amor*

*Para todos muita compensação
Generosidade, beleza de coração
Vem com ele grande verdade
Bondade, bondade, bondade*

*Ninguém dele mal dirá
Porque a ninguém ele faltará
Cheio de promessas, promete
Feliz Ano para todos, Feliz 1967!*

Ilídia Luís

Nitratos de Portugal S.A.R.L.

« Concurso de Cartazes »

O Júri para este Concurso composto pelos Ex. mos Senhores Arquitecto Nuno de San P. yo, Professor Vitor da Silva e Joao Pedro Soares, respectivamente em representação da Sociedade Nacional das Belas Artes, Escola de Artes Decorativas António Arroio e da Empresa, depois de apreciar mais de meia centena de trabalhos, deliberou que os prémios fossem atribuídos aos seguintes concorrentes:

1.º prémio — 5000\$00 — Paulo Bernardo Guedes da Lixa (Vira Milho). 2.º prémio — 3000\$00 — Luis F. Seabra (Luso) 3.º prémio — 2000\$00 — Vitor Jorge Nunes Paiva (Guignardia Bidwellii), 4.º prémio — 1500\$00 — António Fernandes Rolo Mendonça (Camôe) e 5.º prémio — 1000\$00 — Duarte Gravato (Portos)

Todos os trabalhos apresentados a concurso estarão expostos numa dependência da Empresa, onde poderão ser vistos a partir do próximo dia 26 das 10 às 13 e das 15 às 18 horas, em todos os dias úteis com excepção de sábados.

Beijar Crianças

A mortalidade infantil, entre nós, não obstante a benfazeja tarefa dos responsáveis pela saúde pública, de higienistas e de puercultores, que que espalham constantemente, aos quatro ventos, advertências, recomendações e conselhos sobre a maneira de cuidar da saúde das crianças, está longe de deixar de ser preocupante. É alto ainda o índice das crianças que adoecem e morrem em Portugal. Já de si, muitas são as que trazem no sangue males que, rapidamente, definham e matam. Mas também muitas outras, e não em menor número, perdem a vida por falta de cuidados elementaríssimos. As nossas crianças estão, a todo o momento, sujeitas aos mais temerosos contágios. Era-nos fácil apontar mil dos perigos que as rondam e os quais seus pais e mães, com assombrosa inconsciência, nada fazem habitualmente para evitar. Limitemo-nos, porém, a referir apenas um deles, por mais corrente e de mais evidente nocividade: o beijo.

Beijar crianças ou levar crianças a poisar a sua boquinha na pele (e quantas vezes na própria boca) de uma pessoa crescida, por mais limpa ou lavada que seja, é uma imprudência, para não dizer uma estupidez, inqualificável. Pelo beijo — sabe-se bem hoje em dia — se transmitem as doenças mais terríveis. O exemplo dado entre adultos, amoroso ou de Judas, grande mal geralmente não acarreta, salvo um possível travo amargo da desilusão ou da traição. Os adultos, vacinados por tantos morbos, resistentes por tantas defesas orgânicas, estão mais ou menos precavidos.

Mas uma criança, frágil e imaculada, corpinho de cristal que o bafo mais ténue suja, como se poderá defender, se não for resguardada de quanto um beijo lhe traga de infecto e pernicioso?

Condenável gesto é, pois, o de beijar crianças! E condenável é aquele provérbio que para

Continuação na 3.ª página

Alberto Teixeira Forte

ADVOGADO

Figueiró dos Vinhos—TEL. 13Escritório em: **Podrógão Grande**

(Na primeira 2.ª Feira de cada mês)

O MELHOR Pão-de-Ló

É O DA

Confeitaria Santa LuziaDE *A. E. Campos*

Telefone 129

Figueiró dos Vinhos**TERRABELA-HOTEL**

Um dos melhores da Província

Instalações Modernas

ótimos serviços de:

Bar-Café-Restaurante

Serviços de
Casamentos
e Baptizados
Preços especiais**BILHARES****Figueiró dos Vinhos****PÃO DE LÓ**

Fábrica Santo António dos Milagres

Tel. 50

Figueiró dos Vinhos**GRANADA**Drogaria — Perfumaria
Brindes
Utilidades DomésticasGrande e variado sortido
aos melhores preços.**GRANADA**Um estabelecimento mo-
derno que rivaliza com os
melhores do País.Rua Dr. António José d'Almeida
Telef. 185**Figueiró dos Vinhos****Prédio**Constituído por terreno de
cultura, com videiras, oliveiras
e outras árvores, sito na Milha-
riça, desta freguesia, vende-se
por preço muito acessível.Informa o advogado Dr. Al-
berto Teixeira Forte.**VENDE-SE**Terrenos para construção, jun-
to à estrada nacional, a entrada
desta vila.
Informa António Alves Nunes,
nesta vila.**Materiais de Construção****Sempre aos melhores preços**Ferro, Cimento, Cal Hidráulica, *Martingança*, Tubo,
de Ferro Galvanizado, Chumbo, Grês e Plásticos.**Material para casa de banho**Mosaicos, azulejos, Banheiras em Ferro Esmaltados
Marmorite, Lavatórios, Lava-Louças, Lava-Copos,
Lava Roupas, Torneiras, etc.**FERRAGENS**Pás de Bico e Quadradas, Picaretas, Forquilhas para
Cascalho e d'Arame, Grelhas, Cunhas, Carros de Aterro,
um completo sortido de Fichas, Fechos, Fechaduras,
Pregaria, Redes de Arame, Tintas, Óleos, Vernizes,
Telhas, Tejolos e Adubos**Farinhas e UF - Sanders****Material eléctrico***A. Ferreira Leitão*

TELEFONE 171

— Figueiró dos Vinhos —*Maria Amélia dos Santos Alves*

Médica

Doenças da boca e dentes

Consultas { 2.^{as} 4.^{as} e Sábados das 9 às 12 horas
5.^{as} e Sábados das 15 às 18 horas

Telefone 98

Figueiró dos Vinhos**Móveis***Fernando Mendes*

Avenida Torres Pinheiro, 60-62

Telef. 33354

TOMAR

Comprando nesta casa é poupar o seu dinheiro

Móveis sala de visitas — Móveis sala de jantar —
— Móveis para quarto — O melhor colchão
de molas "MOLAFLEX"**Móveis avulso para todos os preços e de todas as qualidades**Guarda vestidos — Camas de casal-pessoa-criança —
Cómodas — Mesas de Cabeceira, etc.Cristaleiras — Guarda-louças — Mesas para sala de
jantar — Cadeiras de todos os géneros**Malas - Passadeiras - Bonés - Guarda-chuvas, etc.**Esta casa não recusa qualquer confronto tanto em pre-
ços como em qualidade, porque os seus artigos são recebi-
dos directamente dos melhores fabricantes do País, e vendi-
dos aos seus clientes pelos melhores preços.*Lúcia Friaes Fernandes***CLINICA GERAL****Doenças das Crianças**

TELEFONE 86

Figueiró dos Vinhos**Beijar Crianças**

Continuação da 2.ª página

sempre deve ser banido da me-
mória das gentes portuguesas, e
que assim reza: «Quem meus
filhos beija, minha boca adoça».Em troca, aos pais e mães de
Portugal, dele se oferece esta
edificante glosa, constante de um
livrinho de pericultura:«Quem meus filhos beija,
Minha boca adoça...
Pois é melhor que não seja;
Nem a minha nem a vossa,
Por essa forma adoçada,
Que um beijo de boca impura
Pega à criança beijada
Moléstias que não têm cura»(Liga Portuguesa de Profilaxia
Social)**Concurso público para a
Composição Musical do
Hino da Força Aérea**Pelo prazo de 90 dias, a con-
tar de 20 de Janeiro p. p., está
aberto concurso para a realiza-
ção de uma composição musical
destinada ao «Hino da Força
Aérea», cuja letra, já aprovada,
pode ser pedida à 2.ª Repartição
do Estado Maior da Força Aé-
rea—Rua Rodrigues Sampaio,
99 Lisboa, 1.As composições deverão ser
apresentadas sob a forma de
originais para canto e piano,
sendo a instrumentação para
Banda da responsabilidade do
autor da composição vencedora.Os concorrentes poderão esta-
belecer contacto directo com o
autor da composição poética
aprovada (Carlos Conde—Rua
Victor Bastos, 3—2.º, Lisboa, 1)
para qualquer ajustamento que
entendam aconselhável.As composições serão assina-
das com pseudónimo e encerra-
das em envelope lacrado, dentro
do qual será colocado outro,
também lacrado, com o verda-
deiro nome e morada do concor-
rente.Será atribuído um prémio úni-
co de 10 000\$00●●●●●●●●●●●●●●●●
Visitas à Redacção—Esteve na nossa Redacção a
pagar a sua assinatura o Sr.
Alfredo dos Santos Dias, P.S.P.,
em Santarém,—Cumprimentámos o Sr. Do-
mingos Simões Braz, de Portela
(Arega) que veio renovar a sua
assinatura,—Apresentou-nos cumprimen-
tos de despedida o nosso assi-
nante, Sr. Álvaro Henriques da
Conceição, de Portela da Lavan-
deira,—Visitou a nossa Redacção,
pagando a sua assinatura, o Sr.
Manuel Marques, de Vila Facaia,
e actualmente em França,—De passagem para o Fontão-
-Fundeiro, onde passou férias,
veio até nós o Sr. Joaquim Pe-
dro Ribeiro, que pagou a sua
assinatura.

Os nossos agradecimentos.

VENDE-SEPinhal ao Caramelleiro, em bom
local.Informa: António Alves Nu-
nes.**Anunciai em "A Regeneração"**

CASA DA COMARCA

DE

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Património dos Pobres CASAS PARA POBRES

CAMPELO...

Continuação da 1.ª página

Realizou-se há dias a assembleia-geral ordinária desta colectividade, regularmente concorrida, para apreciação do relatório e contas da gerência finda, com o parecer do conselho fiscal; e eleição dos novos corpos gerentes.

Presidiu o Sr. Dr. Jorge Godinho Ferreira, secretariado pelos Srs. Aldemiro Rosa Simões e António Paulo.

Ao abrir a sessão, o Sr. presidente da Mesa saudou os presentes e congratulou-se com a regular concorrência da assembleia.

Seguidamente concedeu o uso da palavra ao Sr. José Francisco Alves, que procedeu à leitura do relatório e contas da gerência finda com o parecer do conselho fiscal. Prosseguindo no uso da palavra, o Sr. Alves espraçou-se em considerações sobre a indiferença da maior parte dos naturais da comarca para com a colectividade que tem por fim pugnar pelo engrandecimento e prestígio de toda a vasta região da nossa comarca e pelo bem-estar dos seus habitantes.

Novamente no uso da palavra o Sr. Dr. Godinho Ferreira, teve aáveis palavras de encómio para com a Direcção, exortando todos os naturais dos três concelhos que constituem a comarca a que se inscrevam como sócios, pois que tanto bastará para lhe criar possibilidades de dar plena satisfação às legítimas aspirações dos que anseiam pelo progresso da sua terra.

Em seguida o Sr. presidente da mesa suspendeu a sessão por período de 10 minutos, para confecção das listas, findo o qual se procedeu à eleição, aprovando a única lista apresentada, por aclamação, a qual era constituída pela forma seguinte:

Assembleia Geral

Presidente—Dr. Jorge Godinho Ferreira; Vice Presidente—A'lvoro Francisco dos Reis; Secretários—José Diamantino Barata e Carlos Rodrigues Antunes; Vogais—Manuel Amaro da Silva e António Paulo.

Direcção

Presidente—José Francisco Alves; Vice Presidente—Eng.º Jaime Conceição e Silva; Tesoureiro—Eugénio M. Machado Fernandes; 1.º Secretário—Fernando F. Carvalho; 2.º Secretário—Franquelim Henriques Ramos; 1.º Vogal—Germano José Rodrigues; 2.º Vogal—Adelino Manuel Simões; Suplentes—José da Silva Costa e Francisco Barata.

Conselho Fiscal

Presidente—Aldemiro Rosa

Electrificação de Arega

Para a electrificação da sede de freguesia de Arega e dos lugares de Avelais, Portela, Ponte de Arega, Castanheira, Casais Fundeiros, Casalinho, Casais e Jarda da mesma freguesia, foi concedida pelo Ministério das Obras Públicas à Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos a importante participação de 510 contos.

Simões; Secretário—Pedro Pereira Coutinho; Relactor—Manuel Henriques Barata; Suplente—Laurentino Pereira Marques.

Conselho Regional

Figueiró dos Vinhos—Dr. Jorge Godinho Ferreira, Campelo—A'lvoro Francisco dos Reis, Aguda e Arega—Joaquim Simões Godinho, Pedrógão Grande—Albano Tomás dos Anjos, Castanheira de Pera—Franquelim Costa, Comtral—Américo Diniz Barata, Vila Facaia—Abílio Lopes Branco.

Delegados à Federação

Efectivo—Franquelim Henriques Ramos; Suplente—Germano José Rodrigues.

Comissão auxiliar para as comemorações do próximo aniversário

Dr. Jorge Godinho, Ferreira, A'lvoro Reis, Américo Diniz Barata, Aldemiro Rosa Simões e Portirio Lourenço Alves.

Em Julho do ano passado, para assistirem aos festejos comemorativos do aniversário desta Casa Regional, deslocaram-se propositadamente a Lisboa aos senhores Dr. Henrique Lacerda, digno presidente da Câmara de Figueiró dos Vinhos, e José Francisco Diniz, digno presidente da Câmara de Castanheira de Pera. Estes dois homens viram-se envolvidos numa aura de simpatia, não só pelos dirigentes da colectividade, mas até por todos quantos tiveram a felicidade de assistir ao almoço de confraternização, que felizmente teve larga concorrência.

Foi nesta altura que o Sr. Dr. Henrique de Lacerda teve a feliz ideia de sugerir que o próximo aniversário da Casa seja comemorado em Figueiró.

Tal ideia foi acolhida por todos com entusiasmo e simpatia. Todos os dirigentes da colectividade e até muitos que o não são, mostram-se dispostos a envidar todos os seus esforços no sentido de corresponderem condignamente à ideia do Sr. Dr. Henrique de Lacerda, como ficou bem vincado na assembleia-geral, agora realizada, com a nomeação desta Comissão auxiliar, a fim de colaborarmos preparativos duma excursão a Figueiró dos Vinhos, onde se realizará o futuro almoço de confraternização, que ficará memorável para todos que tiverem a felicidade de a ele assistirem.

— D. P.

Comendador Alberto Mendes Rosa

Tem estado na sua terra natal (Chão de Couce) o senhor Comendador Alberto Mendes Rosa, conceituado e abastado proprietário, há longos anos radicado nos E. U. A.

Ao sr. Comendador Mendes Rosa, que não desaproveita nenhuma oportunidade de abraçar os seus familiares e amigos, neste lado do Atlântico, endereçamos as nossas saudações e votos de feliz estadia.

Este jornal tem dado o seu firme apoio a campanha de casas para pobres.

Mas, qual a finalidade dessas casas, a quem se destinam, quem as administra, como são escolhidos os beneficiários, são temas que o público duma maneira geral desconhece e, por isso, aqui se esclarecem, transcrevendo algumas das disposições dos Estatutos do Património dos Pobres, de Figueiró dos Vinhos.

Art.º 3.º As moradias e respectivas dependências do Património dos Pobres... beneficiarão exclusivamente os pobres e indigentes da freguesia absolutamente carecidos de habitação e auxílio, não podendo ser cedidos ou utilizados para fins diferentes dos do Património, nem onerados com encargos estranhos aos mesmos fins.

Art.º 10.º As moradias do Património dos Pobres e suas dependências serão entregues a título gratuito e precário aos pobres necessitados e indigentes da freguesia, não podendo a Comissão cobrar a título de renda qualquer importância dos ocupantes, que assim se não considerem arrendatários, sem embargo de qualquer depósito, se for possível e justo, para fins de reparação.

Art.º 11.º A escolha dos ocupantes a beneficiários dos prédios deverá ser feita dentro do espírito da mais rigorosa justiça cristã, devendo dar-se preferência aos mais indigentes e de família mais numerosa, devendo uns e outros dar a maior garantia de procedimento moral irreprezível.

Art.º 13.º Esta ocupação a título precário e gratuito poderá cessar nos seguintes casos:

- 1.º Quando qualquer dos ocupantes vier a ter recursos que tornem dispensável o benefício.
- 2.º No caso de mau comportamento moral e civil de qualquer dos ocupantes ou no caso de algum deles criar má vizinhança aos outros beneficiários.
- 3.º No caso de deterioração grave feita no prédio... ou de recusa de as reparar, sendo julgado possível pela Comissão Administrativa.

A transcrição destes artigos dos Estatutos vai esclarecer certamente muitas pessoas que não tinham ainda uma ideia concreta do que sejam as casas para pobres.

A título de esclarecimento, informa-se ainda que o bloco inicialmente previsto para duas casas foi já adaptado para quatro casas. Será, assim, consolador verificar que nele poderão habitar quatro famílias mais pobres ou mais necessitadas desta freguesia.

Será pouco? Mas não se pode chegar ao muito sem se começar pelo pouco.

José Faria

Encontra-se de luto, por motivo do recente falecimento de sua esposa, este nosso prezado assinante em Lisboa.

As nossas condolências.

até aí dominante evoluiu noutro sentido, e passou assim a ser outra. Consagrou-se, pelo menos oficialmente, a ideia de que as necessidades religiosas da Nação não deveriam ser consideradas como de natureza colectiva e que não teriam portanto o Estado ou quaisquer outras entidades públicas que lhes fazer materialmente face com as suas receitas.

Com efeito, pela *Lei da Separação do Estado das igrejas* (Decreto de 20 de Abril de 1911), ficou estabelecido que não seria sustentado rem subsidiado culto algum; e que por isso seriam «suprimidas nos orçamentos do Estado, dos corpos administrativos locais e de quaisquer estabelecimentos públicos todas as despesas relativas ao exercício dos cultos». Daí também o princípio declarativo consagrado no art.º 16.º do mesmo diploma: «O Culto religioso só pode ser sustentado pelos fiéis».

* * *

Ora assim, para a concretização do restabelecimento da assistência religiosa permanente a região de Campelo, põe-se também, ao que julgamos, como condição necessária, o que, aliás, é natural, a resolução local do problema que estamos aqui focando: conseguirem-se, de modo efectivo e permanente, meios materiais de sustentação condigna para o respectivo sacerdote.

Pois bem. Um idealismo saudável e temperado de alta virtude, que sabemos ali já ter despontado, propõe-se remover essa dificuldade de natureza material.

Segundo conclusão a que se chegou, através de certa estimativa, bastará que cada chefe de família da freguesia de Campelo contribua, anualmente, apenas com o valor de um dia do seu trabalho—3\$00—, para ser possível assegurar, justa e dignamente, a sustentação do sacer-

dote que estiver em Campelo.

Assim sendo, o contributo anual de cada chefe de família terá grande mérito, pois será do tipo daquelas coisas que, embora pequenas, muito valem e representam pela sua projecção e superior finalidade.

Estamos assim em crer que, posto aquele ideal em prática, nenhum deixará de mais uma vez saber honrar a terra que lhe foi berço, dando alegremente o seu contributo, para assim ser possível continuar de modo frutuoso o culto religioso e a fé que eram já dos nossos antepassados.

Sabemos, pois, que os homens da região de Campelo são homens de verdadeira fé e sempre prontos a colaborar. Que assim seja agora mais uma vez, amigos!

A religião é tão antiga como a Humanidade, sendo assim certo que faz falta e também é necessária. Por isso, amigos, que cada um contribua, ao menos, com a quantia que puder.

Que este chamamento ou apelo seja bem sucedido e que desse idealismo se passe à iniciativa, à acção, são pois os votos que daqui formulamos.

Na verdade, a freguesia de Campelo conta para cima de trinta povoações. Tem pois *jus* a que lhe seja concedida assistências religiosas efectiva, permanente, pela nomeação dum sacerdote para a sua igreja.

Posto, isto, também a propósito um voto mais aqui formulamos: que o reverendo Manuel Luis volte, mesmo depois, se ainda puder, ao convívio de tantos anos com os que foram seus parquianos.

José Manuel

Assine este Jornal

O U T O N O

As árvores nuas, as folhas mortas,
O céu cinzento. As ruas desertas.
Sòmente um pobre batendo às portas,
Esperando receber humildes ofertas.

O meu coração triste de solidão,
Com uma réstea de esperança,
Espera, espera, espera em vão...
Alguma alegre e feliz lembrança.

Sinto-me tão só como ninguém
Estivesse à minha volta,
E se comigo fala alguém,
Respondo-lhe com uma palavra solta.

As folhas levadas pelo vento,
Aumentam a minha tristeza,
Aumentam o meu tormento.
Tudo me parece sem beleza.

Fico ansioso e quem me dera
Que já brotasse novamente,
A florida e alegre primavera,
Mas eis que tenho esperar sòmente!

Fernando Luis